

**CONSIDERAÇÕES
EM TORNO DO CONCEITO DE LATINISMO**

Vito César de Oliveira Manzollilo (UFRJ/USP)
vicemanzollilo@globomail.com

O fato, porém, é que, tendo o latim subsistido como língua escrita até nossos dias, isto é, por mais de vinte e três séculos (oito dos quais mantendo uma inacreditável uniformidade), nenhuma outra língua – nem mesmo o inglês ou o chinês – foi jamais conhecida por um número tão grande de pessoas. (SALLES, 1993, p. 269)

RESUMO

Malgrado a ideia amplamente difundida de que o latim é um idioma irremediavelmente ligado ao passado, com pouca expressão na atualidade, autores como Maurice Druon (2000) e José Pedro Machado (1994) destacam a significativa presença de palavras latinas nas línguas em geral. Apesar disso, poucos estudiosos têm se preocupado em definir o conceito de latinismo, variando bastante de autor para autor o sentido dado ao termo. Seja como for, é certo que os latinismos representam uma categoria especial de empréstimo. A indicá-lo, o fato de mesmo ortodoxos puristas os encarem de maneira benevolente, relativamente ao português, é possível considerar que, de modo amplo, toda palavra de origem latina que tenha sido incorporada à língua portuguesa após seu período de formação constitui exemplo de latinismo. Num sentido mais restrito, porém, tal rótulo se aplica apenas àqueles itens lexicais que, como diz Joaquim Matoso Câmara Jr. (1991, s. v. latinismos), não se adaptaram ao gênio do português e ainda conservam a estrutura mórfica latina. Assim, discutir aspectos relevantes ligados à caracterização do termo em pauta constitui o objetivo central desta comunicação.

Palavras-chave: Latim. Latinismo. Léxico.

1. Considerações iniciais

A maior parte do léxico da língua portuguesa é, como se sabe, de origem latina. A porção mais significativa desse conjunto constitui-se dos itens lexicais populares, isto é, aqueles que, ao longo do tempo, foram sofrendo, na boca do povo, toda uma série de modificações fonéticas espontâneas e contínuas.

Ao lado desses, é possível identificar ainda os chamados *cultismos* ou *eruditismos*, introduzidos por via escrita – razão pela qual tam-

bém são conhecidos como *termos literários* – depois que certas mudanças fonéticas não mais ocorriam.

É fato que as leis fonéticas têm uma duração limitada no tempo, apresentando um período específico de atuação. Nesse sentido, é comum que essas palavras apresentem sequências fonológicas e grupos consonantais evitados pela história do português, tendo havido “apenas a adaptação da parte final aos modelos mórficos portugueses [gênero, número e pessoa] e uma ou outra alteração para evitar grupos anômalos de fonemas (...)”. (CÂMARA JR., 1991, s.v. erudito)

A absorção desses cultismos foi particularmente significativa durante o Renascimento, mas não se limitou a esse período. Como lembra Ismael de Lima Coutinho (1976, p. 200), “as traduções de obras, sobretudo latinas, contribuíram para a existência de um grande número de palavras *cultas*, no nosso vocabulário”. A revalorização da cultura greco-latina pela Renascença teve como resultado a incorporação ao vocabulário – e também à sintaxe – das línguas românicas de quantidade expressiva de latinismos.

Rodolfo Ilari e Renato Basso (2009, p. 30) explicam que,

devido a essa presença na cultura quinhentista, o latim (clássico) exerceu com bastante vigor um papel que já vinha tendo desde a Idade Média: o de ser uma língua “de reserva”, à qual era possível recorrer para criar novos termos de caráter científico ou técnico de que se sentia necessidade. Esse papel do latim é às vezes caracterizado pela denominação *adstrato permanente*. O uso do latim como adstrato permanente explica um fato que se observa com certa frequência no léxico do português: a existência, lado a lado, de palavras que nasceram da evolução vernácula do latim vulgar e de palavras criadas por imitação da mesma palavra latina, mas partindo de sua forma literária.

Em português, alguns adjetivos de feição erudita relacionam-se a substantivos populares, como nos casos de *água/aquoso* ou *aquático*, *águia/aquilino*, *asno/asinino*, *boca/oral*, *cavalo/equestre* ou *equino*, *céu/celeste* ou *celestial*, *dedo/digital*, *dor/doloroso*, *fogo/ígneo*, *ilha/insular*, *lei/legal* ou *legislativo*, *luz/lúcido*, *mãe/materno* ou *maternal*, *mês/mensal*, *neve/nívio*, *olho/ocular*, *ouro/áureo*, *pai/paterno* ou *paternal*, *paz/pacífico*, *povo/popular*, *razão/racional*, *toro/taurino* e *vida/vital* ou *vitalício*, enquanto certos superlativos eruditos igualmente encontram-se ligados a adjetivos populares, por exemplo, *afabilíssimo/afável*, *agradabilíssimo/agradável*, *amabilíssimo/amável*, *crudelíssimo/cruel*, *fidelíssimo/fiel*, *horribilíssimo/horrível*, *nobilíssimo/nobre*, *notabilíssimo/notável*, *paupérrimo/pobre*, *personalíssimo/pessoal*, *sapientíssimo/sábio* e

saudabilíssimo/saudável.

Já as unidades léxicas de mesmo étimo que entraram na língua em diferentes momentos dão origem às chamadas *formas divergentes* (cf., por exemplo, *afeição/afecção, avesso/adverso, areia/arena, cadeira/cátedra, chamar/clarar, chave/clave, cheio/pleno, circo/círculo, coalhar/coagular, comprar/comparar, contar/computar, cuidar/cogitar, cunhado/cognato, dobro/duplo, eira/área, escuro/obscuro, estreito/estrito, feição/facção, feitura/fatura, findo/finito, fogo/foco, frio/frígido, geral/general, grude/glúten, herdeiro/hereditário, inteiro/integro, leal/legal, leigo/laico, livrar/liberar, logro/lucro, macho/másculo, madeira/matéria, mascar/mastigar, meigo/mágico, meio/médio, miúdo/minuto, olhos/óculos, paço/palácio, palavra/parábola, partilha/partícula, pendência/penitência, pensar/pensar, primeiro/primário, queimar/cremar, recobrar/recuperar, rezar/recitar, rijo/rígido, ruído/rugido, sarar/sanar, segredo/segredo, silvar/sibilar, siso/senso, sobrar/superar, soldo/sólido, teia/tela, teso/tenso, traição/tradição e viço/vício.*

2. *Latinismo e seu conceito*

Malgrado a ideia geral de que se trata de uma língua irremediavelmente ligada ao passado¹, com pouca expressão na atualidade,

o latim vem em terceiro lugar como fonte de termos que ouvimos por toda parte. Não se trata aqui de raízes, nem de etimologia, mas de sólidas palavras latinas, tais como *exit, statu quo [sic], habeas corpus, in extremis*, conservadas intactas e de uso corrente. O número é considerável. E as fontes não são apenas autores literários, mas principalmente a imprensa internacional. (DRUON, 2000, p. 17)²

O sentido dado ao termo *latinismo* varia bastante de autor para autor. Além disso, não são muitos os estudiosos que se preocuparam em definir esse conceito.

¹ Tal pensamento se torna relativo quando se atenta para o fato de que atualmente essa língua continua a ser empregada em funções especiais, tanto na área científica quanto na religiosa, sendo ainda hoje a língua oficial da Igreja Católica e, juntamente com o italiano, a do Estado do Vaticano.

² A pesquisa de Sergio Corrêa da Costa, comentada por Maurice Druon, analisa o poder de penetração de palavras das mais variadas línguas em termos mundiais. José Pedro Machado (1994), num trabalho que observa a presença de unidades léxicas estrangeiras no português exclusivamente, também constatou que, no cômputo geral, as de origem latina ocupam a terceira posição.

Antenor Nascentes (1946, s.v. latinismo), assim define a expressão: “palavra, locução, construção, próprias do latim”. Para Nilce Sant’Anna Martins (2011, p. 441), por exemplo, latinismos constituem os “empréstimos tomados ao latim, que começaram a incorporar-se na língua desde o século XV, são muito explicáveis pela formação (...) dos autores da época”. Joaquim Mattoso Câmara Jr. (1991, s.v.) diz que

formas e construções de origem latina que não se adaptaram ao gênio da língua portuguesa. Os latinismos lexicais se distinguem dos vocábulos eruditos por se manterem dentro da estrutura mórfica latina inteiramente; ex.: *habitat, deficit, sic, ibidem, idem, habeas-corporis, fac-simile*.

Em Sílvio Elia (1962, s.v. latinismo), vê-se que latinismo é a “palavra ou construção próprias da língua latina, mas correntes em português”. Refinando a explicação, prossegue o autor no mesmo trecho: trata-se das “palavras e construções latinas que os homens cultos foram buscar *diretamente* ao latim, transplantando-as para a sua língua. São *cultismos*, formas, portanto, não populares, que conservam a marca latina de origem”. Como exemplos de latinismos léxicos, cita: *ultimatum, ônus* (este não mais conserva a forma latina completamente inalterada), *facies, ipso facto, fac-simile, post-scriptum, habitat, deficit, superavit, errata* etc. Fernando Lázaro Carreter (1974, s.v. latinismo) considera o termo como o “vocábulo ou expressão que conserva seu aspecto latino e foi introduzido por influxo culto”. Zélio dos Santos Jota (1981, s.v. latinismo), deixa claro que o caráter de latinismo de determinado fato linguístico é transitório:

Palavra ou construção de cunho latino usadas em outra língua. O latinismo, como tal, foge às feições da língua onde existe. Por conseguinte, há latinismos em *habeas corpus, habitat, o felicíssimo dos homens*, latinismo havia quando se dizia *memorandum* (e o pl. *memoranda*), mas deixou de haver quando passamos a *memorando* (pl. *memorandos*). E deixa de haver em *o mais feliz dos homens*.

Seja como for, é certo que os latinismos representam uma categoria especial de empréstimo. A indicá-lo, o fato de mesmo ortodoxos puristas³ os encararem de maneira benevolente, como faz Cândido de Figueiredo (1956, p. 164) no seguinte trecho:

Claro é que os estrangeirismos de tal natureza [latina] não se confundem com os numerosos barbarismos, que têm de ser rejeitados ou substituídos. Nos domínios da nossa língua, o latim mantém e exerce direitos e privilégios com

³ Maiores detalhes acerca da relação existente entre empréstimo e purismo podem ser vistos em Vito Cesar de Oliveira Manzollilo (2015).

justo título. O próprio *deficit*, cuja forma é absolutamente avessa à índole da nossa língua, tem foros de moeda corrente, e os políticos da minha terra, por mais que estrebuchem, não podem libertar-se dele.

3. *Considerações finais*

O conceito de latinismo, como se viu, é preferencialmente aplicada ao âmbito do léxico, mas também pode dizer respeito à sintaxe.

Pode-se concluir que, de modo amplo, toda palavra de origem latina que tenha se incorporado à língua portuguesa após seu período de formação é considerada um latinismo. Num sentido mais restrito, porém, tal rótulo se aplica apenas àqueles itens lexicais que, como diz Joaquim Mattoso Câmara Jr., não se adaptaram ao “gênio” da língua portuguesa e ainda conservam a estrutura mórfica latina.

Problemático é o entendimento de Zélio dos Santos Jota, pois o autor considera que a adaptação da unidade léxica ao português é determinante para que esta deixe de ser vista como um latinismo. Obviamente, a origem da palavra não muda em função de esta ter se aportuguesado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. *Dicionário de linguística e gramática*. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.
- COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de gramática histórica*. 7. ed. rev. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.
- DRUON, Maurice. Prefácio. In: COSTA, Sergio Corrêa da. *Palavras sem fronteiras*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- ELIA, Sílvio. *Dicionário gramatical*. 3. ed. Rio de Janeiro/Porto Alegre/São Paulo: Globo, 1962.
- FIGUEIREDO, Cândido de. *Os estrangeirismos*. 6. ed. corr. e melh. Lisboa: Clássica, 1956, vol. I.
- ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. *O português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009.
- JOTA, Zélio dos Santos. *Dicionário de linguística*. 2. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1981.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

LÁZARO CARRETER, Fernando. *Diccionario de términos filológicos*. 3. ed. corr. Madrid: Gredos, 1974.

MACHADO, José Pedro. *Estrangeirismos na língua portuguesa*. Lisboa: Notícias, 1994.

MANZOLILLO, Vito Cesar de Oliveira. *Cadernos do CNLF*, vol. XIX, n. 03 – Minicursos e oficinas. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2015, p. 72-87.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. Aspectos da língua a partir do Romantismo: o léxico. In: SPINA, Segismundo (Org.). *História da língua portuguesa*. Cotia: Ateliê, 2011, p. 440-58.

NASCENTES, Antenor. *Léxico da nomenclatura gramatical brasileira*. Rio de Janeiro: Cia. Brasileira de Artes Gráficas, 1946.

SALLES, Ricardo C. *O legado de Babel: as línguas e seus falantes*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1993.